



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

**O “herói” demasiado humano de
Memórias do Subsolo, de Fiódor
Dostoiévski**

*The all-too-human “hero” of
Fyodor Dostoevsky’s Notes from
Underground*

Autor: José Eduardo Fonseca Brandão

Universidade Federal Fluminense,

Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Autora: Tanara Dourado Arejano Vaucher

Faculdades Integradas Norte do Paraná,

Cascavél, Paraná, Brasil

Edição: RUS Vol. 12. Nº 20

Publicação: Dezembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2021.191524>



O “herói” demasiado humano de *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski

José Eduardo Fonseca Brandão*
Tanara Dourado Arejano Vaucher**

Resumo: O presente ensaio explora, através dos relatos do narrador de *Memórias do subsolo* (1864), de Fiódor Dostoiévski, suas características e atitudes demasiadamente humanas, seja em sua racionalidade seja, principalmente, em sua irracionalidade.

Abstract: This essay explores, through the narrator’s discourse of *Notes from Underground* (1864) by Fyodor Dostoevsky, his all-too-human characteristics and attitudes, whether in his rationality or, mainly, in his irrationality.

Palavras-chave: Literatura russa; Psicanálise; Filosofia

Keywords: Russian literature; Psychoanalysis; Philosophy

Quando da treva dos enganos
Meu verbo cáldo e amigo
Ergueu a tua alma caída,
E, plena de profunda mágoa,
Amaldiçoaste, de mãos juntas,
O vício que te envolvera;
Quando açoitaste com a lembrança
A consciência que olvida,
E me fizeste o relato
De tudo o que houve antes de mim,
E, de repente, o rosto oculto,
Repleto de vergonha e horror,
Tudo desabafaste: um pranto
De indignação, de comoção...

(Nikolai A. Nekrássov)¹

U

Um relato de algo não agradável de ser dito para alguém que não gostaria de ouvir tais coisas – esta frase define grande parte da narrativa de *Memórias do subsolo* (1864). A narrativa de alguém que vive há décadas no subsolo e se põe a falar, falar, falar...

E, aliás, quereis saber uma coisa? Estou certo de que a nossa gente de subsolo deve ser mantida à rédea curta. Uma pessoa assim é capaz de ficar sentada em silêncio durante quarenta anos, mas, quando abre uma passagem e sai para a luz, fica falando, falando, falando...²

Neste romance, o “herói” sem nome dialoga com o leitor sobre a natureza humana e sobre as suas experiências – que não são as melhores experiências, mas, na verdade, as mais vergonhosas, junto aos pensamentos mais mesquinhos e indignos, e que mesmo assim ainda foram capazes de lhe trazer “vantagens”.

Mas tudo isto são sonhos dourados. Oh, disse-me, quem foi o primeiro a declarar, a proclamar que o homem comece ignomínias unicamente por desconhecer os seus reais interesses, e que bastaria instruí-lo, abrir-lhe os olhos para os seus verdadeiros e normais interesses, para que ele ime-

* Mestrando em Teoria da Literatura pela Universidade Federal Fluminense; <http://lattes.cnpq.br/9547849555759266>; <https://orcid.org/0000-0001-8496-6547>; brandaojose@id.uff.br

** Professora e supervisora de estágio clínico nas Faculdades Integradas Norte do Paraná – UNOPAR Cascavel/Pr.; <http://lattes.cnpq.br/9547849555759266>; <https://orcid.org/0000-0002-0156-3951>; tdavaucher@gmail.com

¹ *Apud* DOSTOIÉVSKI, 2009, p.55

² (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 50).

diatamente deixasse de cometer essas ignomínias e se tornasse, no mesmo instante, bondoso e nobre, porque, sendo instruído e compreendendo as suas reais vantagens, veria no bem o seu próprio interesse, e sabe-se que ninguém é capaz de agir conscientemente contra ele e, por conseguinte, por assim dizer, por necessidade, ele passaria a praticar o bem? [...]³

Compreender a arquitetura da irracionalidade do homem do subsolo é respeitar a arquitetura da natureza humana. Do homem que sofre o prazer da dor, do contraditório, daquele que reivindica a sua dor e a possibilidade de que lhe doa ainda mais. Do homem que quer provar narcísica e sadicamente o impacto que o encontro com sua natureza lhe causa e o direito de ter posse do relato da própria miséria. O direito de compartilhar um detalhado desvelamento de seu fracasso, desde que isso tenha forma de liberdade.

Falar que o processo civilizatório refinaria os sentidos, parece contraditório ao *quantum* de mal-estar, que, por sua natureza, o indivíduo humano recria em nome do prazer, da inescapável estruturação do subsolo de si mesmo. Como cita Freud, em *Mal-estar da civilização*, “não há nada de que possamos estar mais certos do que do sentimento de nosso eu, do nosso próprio ego”,⁴ visto ele nos parecer algo único e indistinto de tudo o mais e apresentar essa possibilidade enganadora. Como segue o autor, o ego serve apenas de fachada, não tem contornos precisos e está, em verdade, continuado para dentro, absorvido por uma entidade mental inconsciente denominada *Id*. Pode-se pensar o *ego* como uma qualidade do *id*, uma faceta bem demarcada.⁽⁵⁾

O narrador é um homem, metamórfico, dual, contraditório, que pulsa vida e morte, que se aprisiona e se liberta, que em sua consciência crítica se julga, condena-se e se absolve, mas, em seu subsolo psíquico, apenas é o que não pode deixar de ser.

3 (DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 32-33).

4 (FREUD, 1996, pp. 74-75).

5 (FREUD, 1996, p.75).

A obra é organizada em dois grandes capítulos, divididos em subcapítulos, em um formato folhetinesco – ou novelesco. Cada final de capítulo é dotado de um suspense que atrai o leitor para saber quais peripécias sairão da tinta da pena do escritor. E, através de textos e subtextos contidos na narrativa, esse herói fala de si mesmo para pressupostos leitores, pois assume que não fala para ninguém. Esses pressupostos leitores, descartados de seu discurso, ficam a cada linha reféns de suas memórias, uma narrativa dialógica na qual cada palavra está posta para um confronto com o outro, mediada pelo outro, muitas vezes um outro de si mesmo. Indigesto, constrangedor e ricamente narrado.

Dostoiévski apresenta um narrador que conversa diretamente com o leitor, conta, mas depois diz que mentiu e refaz o dito, em seguida narra um pensamento, embora logo depois a sua própria narrativa desmintam o que ele pensa. É um narrador provocativo que, conseqüentemente, também convida o leitor a adotar uma posição mais distante dos fatos narrados.

Mas é possível, é possível que sejais crédulos a ponto de imaginar que eu vá publicar e ainda vos dar a ler tudo isto? E eis mais um problema para mim: para que, realmente, vos chamo de “senhores”, para que me dirijo a vós como leitores de verdade? Confissões como as que pretendo começar a expor não se imprimem e não se dão a ler. Pelo menos, não possuo em mim tamanha firmeza e não considero necessário possuí-la. Mas sabeis de uma coisa? Veio-me à mente uma fantasia, e a todo custo quero realizá-la. Eis do que se trata.⁶

Em se falando sobre coisas que podem ser ditas, mas não publicadas, o pronunciamento do narrador faz muito sentido, pois quem se atreve a obter vantagens contando coisas tão honestas e tão constrangedoras sobre si em um mundo de máscaras sociais? Assim, observa-se que a “vantagem” não reside somente no que provem do raciocínio lógico. Por vezes, a “vantagem” não está nem naquilo que traz felicidade. Esse narrador enxerga a vantagem nos mais impossíveis contraditórios e, ao conversar com o seu leitor, fala com a liberdade dos que

6 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 52).

assumem os riscos de entregar aos mesmos as suas mais íntimas obscuridades.

Em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), Freud aponta:

O esmaecimento de uma lembrança ou a perda de seu afeto dependem de vários fatores. O mais importante desses é se houve uma reação energética ao fato capaz de provocar um afeto. Pelo termo “reação” compreenderemos aqui toda a classe de reflexos voluntários e involuntários – das lágrimas aos atos de vingança – nos quais, como a experiência nos mostra, os afetos são descarregados.[...] Mas a linguagem serve de substituta para a ação; como uma ajuda [...]”⁷

Pode-se pensar que o personagem esvazia-se em confissões. Sofre de reminiscências. Purga sua raiva, suas mágoas, suas incapacidades (até a de não ter sido digno sequer de tornar-se um inseto) com palavras, e, como diz o personagem: “estou firmemente convencido de que não só uma dose muito grande de consciência, mas qualquer consciência, é uma doença.”⁸ Ele quer ser ouvido, pois só na escuta do outro se torna alguém – alguém que afirma saber de si. Esvazia-se através da fala, “limpando sua chaminé”.⁹

Apesar de visualizar os seus dilemas e ser capaz de refletir sobre eles e de, inclusive, tentar alcançar o objeto, raramente ele busca uma satisfação no objeto. A saída que adota em toda a obra, ao longo das lembranças narradas, é a da resolução pela sublimação, transformando sua pulsão em algo socialmente aceito.

– Mas não é uma vergonha, não é uma humilhação?! – talvez me digais, balançando com desdém a cabeça. – Está ansiando pela vida, mas resolve os problemas da existência com um emaranhado lógico. E como são importunas, como são insolentes as suas saídas, e, ao mesmo tempo, como o senhor tem medo! Afirma absurdos e se satisfaz com eles; diz insolências, mas sempre se assusta com elas e pede desculpas. Assegura não temer nada e, ao mesmo tempo, busca o nosso aplauso. [...]!¹⁰

7 (FREUD, 1996, pp. 43-44).

8 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 19).

9 *Chimney-sweeping*, expressão usada pela famosa paciente Srta. Ana O. em *Estudos sobre a Histeria* (FREUD, 1996, p. 65).

10 (DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 51-52).

Trata-se de um homem de pensamento e de consciência hipertrofiada. Agir lhe é custoso. O mundo não lhe é gentil e ele, embora tente se embrutecer, acaba se machucando muito no processo de ser desagradável. Algo muito parecido com o descrito por Friedrich Nietzsche no verbete 362 de *Humano, demasiado humano*,¹¹ no qual um indivíduo moderado e discreto se põe a ser brutal, pois para a estupidez nada mais há que um punho fechado – todavia essa legítima defesa vale ao homem do subsolo mais sofrimento do que superação.

A segunda parte do livro, parte mais memorialista, tem início na contemplação da neve, uma neve quase molhada, que lhe lembrou de um episódio.

Agora está nevando, uma neve quase molhada, amarela, turva. Ontem nevou igualmente e dias atrás, também. Tenho a impressão de que foi justamente a propósito da neve molhada que lembrei esse episódio que não quer agora me deixar em paz. Pois bem, aí vai uma novela. Sobre a neve molhada.¹²

Esse gatilho para a memória involuntária do narrador conduz essa parte memorialista do romance, em que os problemas lhe aparecem e ele mostra como lida com eles.

Logo de início, um oficial teve um atrito comigo. Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse. Até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse.¹³

Uma das coisas que o homem do subsolo mais detesta é a possibilidade de não ser visto, de não ser reconhecido. No caso do guarda, a atitude ofensiva de não ser sequer digno de apalpar ou de ser arremessado pela janela. O personagem passa por um verdadeiro processo de embrutecimento para satisfazer a sua vontade de vingança.

11 (NIETZSCHE, 2006, p. 217).

12 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 54).

13 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 63).

Ser tratado pelo guarda como um ser humano diminuto, invisível, fez com que o herói perseguisse esse guarda, buscasse informações e armasse um plano de revide à ofensa sofrida. A sua vingança se tornou a sua angústia, mas sempre se desviava do guarda ao cruzar com ele na rua. E no dia em que ombro a ombro, de igual para igual, impôs sua presença através de um esbarrão, ainda assim foi ignorado.

[...] De chofre, a três passos do meu inimigo, inesperadamente me decidi, franzi o sobrolho e... chocamo-nos com força, ombro a ombro! Não cedi nem um *vierchók* e passei por ele, absolutamente de igual para igual! Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada; mas apenas fingiu, estou certo. Guardo esta convicção até hoje! Está claro que sofri golpe mais violento; ele era mais forte. Mas não era isto o que importava. [...]¹⁴

Ele não era invisível, não era um ninguém. Mas como ser alguém quando não se é sequer um incômodo no olhar do outro? Eis um homem ressentido por todas as experiências de exclusão social. Inativo na sociedade, por não ser aceito ou compreendido por ela, refugiado em seu subsolo. Assim suporta a vida o narrador. Um injustiçado que justifica sua reclusão por ser o mundo um lugar prejudicial a ele, que não sabe lidar com este mundo, mesmo que precise dele.

Além disso, o subsolo é o refúgio onde pode se proteger em tudo que julga “belo e sublime”, em tudo que possa revelar sua capacidade filosófica, sua superioridade literária. Ele dá provas da consciência que tem do mundo em que vive e do contexto social no qual está inserido.

[...] Apaixono-me, sendo poeta famoso e gentil-homem da Câmara real, recebo milhões sem conta e, imediatamente, faço deles donativos à espécie humana e ali mesmo confesso, perante todo o povo, as minhas ignomínias, que, naturalmente, não são simples ignomínias, mas encerram uma dose extraordinária de “belo e sublime”, de algo manfrediano. Todos choram e me beijam (de outro modo, que idiotas seriam eles!), e eu vou, descalço e faminto, pregar as novas ideias e derroto os retrógrados sob Austerlitz. [...]¹⁵

14 (DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 69-70).

15 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 72).

Nessa citação pode-se ver referências a Púchkin – que exerceu um cargo imediatamente inferior em hierarquia ao do gentil-homem da Câmara Real – e a Lord Byron, de *Manfredo*, obra da qual o narrador parece nutrir certa identificação com seu protagonista.

Alguns podem ver no isolamento desse resistente narrador um isolamento parecido com o dos russos que não viam com bons olhos a ocidentalização. Dostoiévski pode ter aproveitado essa questão:

Nós, os russos, falando de modo geral, nunca tivemos os estúpidos românticos supraestelares alemães e sobretudo franceses, sobre os quais nada atua, mesmo que a terra se fenda a seus pés, mesmo que a França toda pereça nas barricadas: permanecem os mesmos, não se alteram nem sequer por uma questão de decência, e não cessam de entoar suas canções supraestelares, no sepulcro da sua vida, por assim dizer, porque são imbecis. E na terra russa não existem imbecis, isto é notório; é nisso que nos distinguimos de todas as demais terras alemãs. Consequentemente, não existem em nosso meio criaturas supraestelares, em sua condição pura. [...]¹⁶

É um narrador que gosta e entende de literatura, que reflete sobre as tendências políticas e filosóficas de sua época. Ele trata da questão do ocidentalismo e do positivismo que cresciam em influência em uma Rússia que tentava se “modernizar” em contraste à força da tradição cultural que tentava permanecer em seu lugar de prestígio.

Todavia, não é possível se aprofundar nesse riquíssimo tema, que por si só geraria um artigo. O que se pretende discutir neste ensaio é a natureza humana – o racional e o irracional que esse romance permite estudar. Esse parêntese foi realizado somente para mostrar a carga cultural desse narrador, característica essencial da sua personalidade, que o torna um homem de pensamento, de cultura e de consciência hipertrofiada.

A sua fuga no subsolo, na literatura e no “belo e sublime” mostra um pouco da função da literatura para o ser humano.

16 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 59).

Entendendo a literatura em seu sentido amplo, como todas as formas de manifestação, oral, escrita ou verbal, que propicia uma breve fuga do mundo dito “real”, através de seu universo simbólico e imaginário, observar-se-á que o homem precisa do mínimo possível de literatura para aliviar os dilemas da vida real, ou para desenvolver seus sentidos, aguçar sua imaginação, refletir sobre o que normalmente não consegue no automatismo da rotina diária. A literatura permite o enriquecimento da personalidade, confirmando no homem:

[...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. [...]¹⁷

É uma fuga temporária, pois é preciso retornar aos desafios, mas, com essa ajuda, voltar revitalizado. O próprio narrador não consegue ficar muito tempo no subsolo.

Como não pudesse passar mais de três meses seguidos devaneando, começava a sentir uma necessidade invencível de me lançar na sociedade. Lançar-me na sociedade significava para mim ir visitar o meu chefe de seção, Antón Antónitch Siétotchkin. Em toda a minha vida, foi a única pessoa com quem mantive relações permanentes, e eu próprio me surpreendo agora com este fato. Mas só ia visitá-lo quando atingia aquela fase, quando os meus devaneios me traziam tamanha felicidade que me era inevitável e imediatamente necessário abraçar as pessoas e toda a humanidade; [...]¹⁸

Mesmo não sendo bem-vindo pelos outros, o homem do subsolo precisava de convívio social. Nessas tentativas de “abraçar a humanidade”, o herói acaba por socializar com pessoas, mesmo que estas o destratem. A esse desfavor ele retribui sendo uma companhia desagradável. Nota-se certo gozo em causar desprazer.

Após visitar o chefe de sua seção, ele tem a ideia de visitar seu velho amigo de escola, Símonov, que já não visitava há quase um ano.¹⁹

17 (CANDIDO, 2011, p. 182).

18 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 73).

19 (DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 74-75).

Na sua tentativa de abraçar a humanidade, o homem do subsolo entra em situações muito constrangedoras. Essas situações estão ligadas umas às outras não só pelo constrangimento, ou pela neve molhada, mas por uma busca pela “vantagem” que guia a resolução dos seus problemas e o modo como ele vive a sua vida.

Na casa de Símonov, ele encontra outros dois amigos que também lhe são conhecidos, pois estudaram juntos na escola. Os três pretendiam dar uma festa de despedida a outro amigo em comum, Zvierkóv, com o qual o herói do subsolo nunca havia estabelecido boas relações. Na verdade, ele odiava Zvierkóv:

[...] Monsieur Zvierkóv fora também meu colega de escola durante todo o curso. Eu passara a odiá-lo, particularmente, quando cursávamos os últimos anos. Nos primeiros, fora apenas um menino bonitinho, vivo, de quem todos gostavam. Aliás, eu o odiara nos primeiros anos também, exatamente pelo fato de ser ele bonitinho e vivo. Zvierkóv sempre se saíra mal na escola e fora piorando à medida que avançava no curso; no entanto, conclui-o com êxito, porque dispunha de proteção. [...] ²⁰

Ninguém em sã consciência iria à festa de alguém que detesta tanto, mas esse “herói” sofre tremendamente pelo não pertencimento. Esse Ser Humano diminuto quer ser notado. E sabendo que nunca será aceito, ele impõe sua companhia desagradável aos outros, fazendo questão de causar desconforto e desprazer, pois tem um gozo relacionado a isso. Sem sequer ser convidado, ele mesmo se convida e, por constrangimento, os demais aceitam. ²¹

Obviamente que a festa ocorre muito desfavoravelmente para o narrador. Ele não tinha dinheiro suficiente para pagar sua parte no jantar e o ordenado do seu criado, Apolón. Mesmo assim, o herói prossegue obstinadamente. Na festa, todos chegam atrasados. Mudaram o horário sem avisá-lo. Tentam humilhá-lo, ao passo que ele tenta ser desagradável para com

20 (DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 75-76).

21 (DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 78-79).

todos, mas principalmente com o Zvierkóv. Então o pior acontece: mesmo insultado, Zvierkóv é complacente com o homem do subsolo.²²

HH I 337. Desprezo da benevolência dos outros: Nós nos iludimos com o grau de ódio ou de temor que julgamos inspirar, pois, se nós mesmo conhecemos muito bem o grau de nosso afastamento de uma pessoa, de uma tendência, de um partido, pelo contrário, eles nos conhecem muito superficialmente e, por conseguinte, só nos odeiam superficialmente. Muitas vezes nos deparamos com uma benevolência que nos é inexplicável: mas, se a compreendermos, nos ofende, porque mostram que eles não nos levam bastante a sério, não tem suficiente consideração por nós.²³

No clímax da festa, os amigos o excluem, deixando-o sozinho. Ele parece gozar essa humilhação, suportando-a, como um autoflagelo. Põe-se a ficar andando de um canto para outro da sala de festas por três horas, invisível a eles:

Eu sorria com desdém e fiquei andando do outro lado da sala, ao longo da parede, bem em frente ao divã, fazendo o percurso da mesa à lareira e vice-versa. Queria mostrar, com todas as minhas forças, que podia passar sem eles; no entanto, batia, de propósito, com as botas no chão, apoiando-me nos saltos. Mas tudo em vão. Eles não me dispensavam absolutamente qualquer atenção.[...]²⁴

Como a humilhação não estava completa, nem o herói do subsolo conseguia se fazer notar, ele decide continuar atrás deles.²⁵ E vai até a casa de Olímpia, uma casa de prostituição onde já fora tratado com desdém no passado,²⁶ e se depara com uma circunstância para a qual não estava preparado. Encontra uma jovem chamada Liza:

[...] Agora, porém, surgira-me de repente com vivacidade a ideia absurda, repugnante como uma aranha, da devassidão que, sem amor, grosseira e desavergonhadamente, começa direto por aquilo com que o verdadeiro amor é coroado. Pas-

22 (DOSTOIÉVSKI, 2009, pp. 85-93).

23 (NIETZSCHE, 2006, p. 211).

24 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 94).

25 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 96).

26 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 98).

samos assim muito tempo a olhar um para o outro; ela, todavia, não baixava os olhos diante dos meus nem seu olhar mudava de expressão, e, por fim, tive, não sei por que, um sentimento de pavor.²⁷

Agora ele estava sendo notado. E como isso foi pavoroso! A jovem não tirava os olhos dele. Ela o notara, algo a que não estava acostumado, e, não podendo se contentar com isso, viu a necessidade de ser desagradável com Liza. Fez um discurso sobre a prostituição e o que acontece com uma mulher que “cai” nessa vida – o envelhecimento precoce, o abandono, a violência, a exploração. Um discurso paterno, emotivo, trágico, repleto de idealizações com a finalidade de torturar aquela jovem alma.²⁸

Mas novamente o pior acontece: Ela não percebe que ele queria ser desagradável. Na verdade, ela visualiza uma relação que não possuía: uma oportunidade de estar com alguém que se preocupava com ela. E como se estivesse tentando mostrar a um pai algo que pudesse agradá-lo, Liza, com um sorriso retorcido e sofrido, apresenta-lhe uma cartinha de amor de um pretendente. Havia quem ainda a quisesse, além do homem do subsolo, que Liza julgava se preocupar com ela.

Pobrezinha, guardava a carta daquele estudante como uma preciosidade, e corra para apanhar aquele seu único tesouro, não querendo deixar-me partir sem ficar sabendo que ela também era amada, honesta e, sinceramente, que também lhe falavam com respeito [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 121).

Sem saber o que fazer, o herói sai às pressas, deixando seu endereço para que a jovem o procurasse.²⁹ Nada além de uma tentativa de se mostrar superior.

E o último problema dessa narrativa surge. E se ela realmente resolver ir até a humilde morada dele? E visualizá-lo como ele é? E perceber que ele não era tão superior como parecia? A angústia retorna ao herói: “Atormentava-me incessantemente o pensamento de que Liza podia vir à minha casa”.³⁰

27 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 103).

28 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 104-118).

29 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 120).

30 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 124).

[...] Ontem, apareci diante dela tão... herói... e agora, hum! Aliás, foi mau que eu me tivesse deixado decair a tal ponto. Em casa é simplesmente uma indigência. E me decidi, ontem, a ir jantar com semelhante traje! E o meu divã de linóleo, com enchimento à mostra na parte posterior! E o meu roupão, que não dá para cobrir o corpo! Que frangalhos... E ela há de ver tudo isto; e verá também o Apolón. Este calhorda certamente há de ofendê-la. Implicará com ela, para me fazer uma grosseria.³¹

Por outro lado, Liza não foi a única a se iludir. O herói do subsolo chega a vislumbrar nela uma chance de uma vida normal, mas o subsolo lhe é muito precioso e, por assim ser, qual seria a vantagem em se arriscar aos desafios do amor? Para que uma companheira quando ele já tinha Apolón a suportá-lo? Junto a seu criado, ele mantém uma relação de proximidade e hostilidade, suporta-o porque precisa dos seus serviços, e Apolón o suporta porque precisa do seu dinheiro. No mais, o criado consegue ser superior ao homem do subsolo, não se permitindo alcançar por seus ataques gratuitos, levando-o à loucura. E é exatamente em um desses momentos em que o herói do subsolo está completamente fora de si, por causa de Apolón, que Liza aparece, pegando-o em um momento embaraçoso.

– Vá! – gritei esganiçadamente, agarrando-o pelo ombro. Senti que um pouco mais e eu o espancaria.

E nem ouvi como, naquele instante, se abriu de súbito, quieta e lentamente, a porta da antessala e certo vulto entrou, deteve-se e, perplexo, se pôs a examinar-nos. Lancei-lhe um olhar, gelei de vergonha e corri para o meu quarto. Ali, agarrando os cabelos com as mãos, apoiei a cabeça à parede e fiquei petrificado nessa posição.³²

A prostituta com a qual tentou ser desagradável, mostrando-se superior, flagrava-o em um dos seus momentos mais deprimentes, sem controle sobre o que acontece em sua própria morada, desprovido de sua máscara social, completamente desarmado de suas farsas.

– Tome o chá! – disse eu com rancor.

Eu estava enraivecido contra mim mesmo, mas, natural-

31 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 125).

32 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 133).

mente, ela é que devia sofrer as consequências. Um rancor terrível contra ela ferveu de chofre em meu coração; era capaz de matá-la ali mesmo, parecia-me.³³

Liza tenta iniciar uma conversa, falando sobre sua vontade de largar a casa de prostituição. Mas o “herói”, em surto por ter sido flagrado sem seus disfarces, descontrola-se, confessando todo o seu procedimento.

[...] Fui até lá para espancar um deles, um oficial; mas não deu certo, não o encontrei; tinha que desabafar sobre alguém o meu despeito, tomar o que era meu; apareceu você, e eu descarreguei sobre você todo o meu rancor, zombei de você. Humilharam-me, e eu também queria humilhar; amassaram-me como um trapo, e eu também quis mostrar que podia mandar... Eis o que aconteceu; e você pensou que eu fui para lá de propósito para salvá-la, não? Você pensou isto? Você pensou isto?³⁴

Alguém tinha que pagar pela humilhação que ele sofrera. Não podendo descontar em Zvierkóv, Liza foi vítima das consequências. O mesmo ocorreu em sua casa; não sendo possível humilhar Apolón, o personagem desconta novamente em Liza todo seu ódio.

Todavia, mais uma vez, Liza surpreende, oferecendo seu abraço para esse ser desprezível e ressentido.

[...] Nesse ponto, o meu coração também se constrangeu. E ela se lançou subitamente a mim, rodeou-me o pescoço com os braços e chorou. Eu também não resisti e chorei aos soluços, de modo como nunca ainda me acontecera...

– Não me deixam... Eu não posso ser... bondoso! – mal proferi; em seguida fui até o divã, caí nele de bruços e passei um quarto de hora soluçando, presa de um verdadeiro acesso de histeria. Ela deixou-se cair junto a mim, abraçou-me e pareceu petrificar-se naquele abraço.³⁵

Não podia ficar assim. Quantas vezes essa jovem iria se mostrar superior a ele? Ele tinha que humilhá-la mais uma vez. Decidiu tratá-la como uma prostituta, lembrando-a que era hora de ir embora e ainda colocando dinheiro em sua mão.³⁶

33 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 136).

34 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 137).

35 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 140).

36 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 143).

Para um homem que padece de consciência parece difícil a ideia de se perder no amor. O fato é que o personagem vislumbra essa possibilidade, mas não acredita nela, e, sofrendo de realidades, constata sua impossibilidade de dar o amor que não tem a quem nem sabe ao certo o que quer. Involuntariamente talvez deseje uma chance de felicidade. Voluntariamente, sabe que não é capaz de amar pelo simples fato de não acreditar que o amor possa servir a ele. O mundo não permite que ele seja bondoso, e ele não deseja ser bondoso com o mundo, tão pouco com Liza, mesmo que isso se torne o maior de seus arrependimentos. O fato é que esse homem nunca viu o amor exceto como uma forma de tyrannizar o objeto amado.

[...] Em primeiro lugar, eu não podia mais apaixonar-me, porque, repito, amar significava para mim tyrannizar e dominar moralmente. Durante toda a vida, eu não podia sequer conceber em meu íntimo outro amor [...] chego a pensar por vezes que o amor consiste justamente no direito que o objeto amado voluntariamente nos concede de exercer tyrannia sobre ele. Mesmo nos meus devaneios subterrâneos, nunca pude conceber o amor senão como uma luta: começava sempre pelo ódio e terminava pela subjugação moral; depois não podia sequer imaginar o que fazer com o objeto subjugado. [...]³⁷

Ele até podia sair rapidamente do seu refúgio e usufruir do mundo por alguns instantes, mas o que lhe importava era o seu subsolo. Ele não gosta do ser humano, nem mesmo do humano que ele é. Ele apenas usa os outros por necessidade – o ser humano precisa de um mínimo de convívio social – e depois retorna para seu subsolo.

[...] Aliás, eu não a odiava tanto assim quando corria pelo quarto e espiava pelo biombo, através de uma pequena fresta. Dava-me apenas um sentimento insuportavelmente penoso o fato de que ela estivesse ali. Queria que ela sumisse. Queria “tranquilidade”, ficar sozinho no subsolo. A “vida viva”, por falta de hábito, comprimira-me tanto que era até difícil respirar.³⁸

37 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 142).

38 (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 142).

Memórias do subsolo é uma obra propícia ao diálogo transdisciplinar que reivindica espaço nobre nas discussões sobre a natureza humana. Antes de tudo, o homem é um ser de pulsões, paixões, identificações, complexos, traumas e caprichos. *Memórias do subsolo* é uma obra propícia ao diálogo transdisciplinar que reivindica espaço nobre nas discussões sobre a natureza humana. Antes de tudo, o homem é um ser de pulsões, paixões, identificações, complexos, traumas e caprichos. O que o homem do subsolo fala pode parecer agressivo, desonesto e imoral. Porém, quantos, a espelho disso, não se identificam com ele? Quantos não são, igualmente, suscetíveis a atos tão contraditórios e, por vezes, até nocivos às próprias necessidades? Tudo por “vantagem”.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários Escritos*, 5. Ed. Corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Editora Escala, 2006.

FREUD, Sigmund. “O mal-estar na civilização”. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. “Estudos sobre a histeria”. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Recebido em: 16/10/2021

Aceito em: 30/11/2021